



A bela embalagem de um produto estragado

Tabata é uma outsider ou um produto do establishment?

Tabata Amaral é de longe o produto político melhor embalado da política nacional, seja em termos de narrativa de superação, retórica conciliadora, constitucionalização de direitos e *tutti quanti*. Com aparições no soletando, prêmios acadêmicos e até uma peça de propaganda eleitoral especial para mulher — “eu sei que você é a pessoa mais atarefada da sua casa...”, a embalagem de Tabata tem vários adereços que atraem o eleitor comum.

Mas repare, é a melhor embalagem, o eleitor comum pode criar afeição, pode capturar a atenção de quem desconhece o jogo político e as consequências de suas iniciativas parlamentares, mas qualquer coleta de informação mais minuciosa, qualquer miligrama de atenção desmancha a embalagem tão bem construída.

Tabata legisla como Lisa Simpson, militando no mundo que qualquer demanda social artificialmente criada por ONG pode virar um direito fundamental, principalmente quando criam um nome bonitinho

para o direito como “pobreza menstrual”, “pé de meia” e etc. Tabata realmente veio da periferia, é realmente uma história de superação da pobreza e da circunstância desfavorável, não há como falsificar isso, mas com toda certeza ela desconhece as causas da pobreza que alligiu sua infância. Tabata desconhece os efeitos de políticas assistencialistas, não entende a relação entre gasto público e poder de compra, e como essa dinâmica afeta a vida do cidadão comum ao supermercado. Estranhamente, a Lisa Simpson Tupiniquim diz ter lutado pelo absorvente gratuito, trata como uma batalha homérica colocar alguns absorventes no orçamento da união em tempos tão politicamente corretos. Mas jamais faz menção de melhorar a oferta de empregos através do estímulo à indústria, não

pensa em reduzir os gastos públicos para aumentar o poder de compra, e jamais falou sobre soberania nacional e participação política dos cidadãos. Isso sem mencionar sua sanha por ambientalismo, o projeto de “cidades” climaticamente resilientes” que prevê que o Governo Federal elabore um plano nacional de adaptação à mudança do clima em articulação com estados e municípios e os setores socioeconômicos - é de autoria de Tabata. Como se não bastasse essa atividade parlamentar, Tabata como candidata à prefeitura de SP quer estabelecer um sistema de crédito social, uma sementinha que pode virar algo análogo ao sistema de controle social chinês, o “passaporte da cidadania”, que cria um sistema de pontos para o cidadão que participar de programações culturais, frequentar academias

municipais, entregar lixo reciclável em ecopontos e comparecer a consultas médicas por exemplo. A ideia é, a partir dos pontos acumulados nesse “passaporte”, conceder descontos na compra de livros, de ingressos de museus, peças de teatro e jogos de futebol e em outras atividades do setor cultural para promover o desenvolvimento econômico do eixo, segundo seu plano de governo. Como absolutamente tudo que Tabata faz, seu plano de governo é mais tecnocracia com maquiagem fofa. “Eventos culturais”, “desconto para livros” e outras gostosuras democráticas e muito legais (em um DCE da PUC), são um ato falho que revela o conceito de ser humano de Tabata.

O homem de Tabata é seguidor de ordens, sujeito a estímulos por recompensas, sem desejo de privacidade ou liberdade. O cidadão do Tabatistão é tão autônomo quanto Winston em 1984.